

QUANDO O PASSADO

Com o vintage em alta, roupas de temporadas passadas se tornaram a estratégia mais sofisticada da moda contemporânea

POR GIOVANNA KUNZ

O uso de peças vintage e de arquivo de grandes maisons deixou de ser apenas um recurso estético para se consolidar como estratégia narrativa e posicionamento simbólico. Em tapetes vermelhos, estreias e turnês, artistas ativam o passado como linguagem visual sofisticada, conectando repertório histórico, exclusividade e construção de identidade.

Para a consultora de imagem Rafaela Marques, compreender o conceito é o primeiro passo. "Aquilo que é vintage é algo clássico. E o clássico é aquilo que não sai de moda. O que foi bonito hoje vai ser bonito amanhã e continuará sendo bonito depois de amanhã, mas que também foi bonito há 10, 15 anos."

Essa permanência no tempo transforma o vintage em planejamento. "Isso é uma estratégia de elegância e sofisticação. É uma pessoa que está querendo comunicar que sabe o que é bom e conhece aquilo que sempre foi belo." Ao recorrer ao arquivo, o artista deixa de responder apenas à tendência do momento e passa a dialogar com a história da moda.

Detalhes ilustram essa lógica. "É o relógio analógico de pulseira de metal, aquele mais antigo, muito bonito, ou o relógio de couro discreto, sem muitos detalhes. Uma pérola é algo chiquíssimo, sempre foi e sempre será", exemplifica. O retorno do broche às passarelas reforça a mesma ideia. "O broche é algo extremamente antigo e voltou com tudo. Porque aquilo que é clássico não sai de moda."

Moda de arquivo

Se, para Rafaela, o vintage comunica elegância e repertório, para Mábel De Bonis, CEO da Fashion Campus, ele representa algo ainda mais estrutural. "Não se trata apenas de nostalgia. Tampouco de estética retrô." Segundo ela, o crescimento do uso da moda de arquivo revela "uma mudança estrutural na forma como imagem, cultura e mercado dialogam."

VESTE O PRESENTE

A Chanel é conhecida por vestir mulheres clássicas e recorrer a elementos vintage

